

A vila

O reguengo de Cheleiros recebeu Carta de Foro de D. Sancho I em Fevereiro de 1195, confirmada por D. Dinis em 1305, e foi agraciado com foral manuelino datado de 25 de Novembro de 1516. Sede de concelho durante mais de seis séculos, passou a freguesia do município de Sintra em 1836 e foi definitivamente integrado no de Mafra em 1855. A sua história ficou ligada à poderosa família dos Ataíde, senhores da vila no início do século XVI e que deixaram uma notável marca nas duas igrejas manuelinas que ainda parcialmente se conservam no centro histórico.

A importância de Cheleiros está também ligada à rede viária regional. Desde a Idade Média (e, muito possivelmente, desde tempos romanos), por aqui passava uma estrada, vencendo-se a ribeira de Cheleiros através da pequena, mas fundamental, ponte gótica de pedra, hoje transformada em ponte pedonal. Na primeira metade do século XVIII, quando se realizou o monumental Palácio de Mafra, a vila foi um fulcral ponto de passagem de matérias-primas, integrando-se, então, numa extensa rede de estradas devidamente calçadas.

Chegámos a um elegante mas pequeno lugar chamado villa-Chillieiros, localizado numa ravina profunda, banhado no Inverno por um pequeno riacho; aqui uma alta ponte de pedra reduz na prática a profundidade e inclinação da estrada

George Landmann, 1818

Percurso urbano

Apesar das transformações urbanísticas das últimas décadas, o centro histórico de Cheleiros preserva grande parte dos edifícios e espaços estruturantes herdados do largo período em que foi sede de concelho.

A ponte gótica foi o principal vector de desenvolvimento da localidade, na medida em que permitia o controlo sobre pessoas e produtos que se deslocavam nesta parcela de território. O núcleo histórico da vila formou-se na margem Norte, mais a ocidente da ponte, no actual Largo da Praça, enquanto que a Igreja Matriz, de fundação medieval, foi construída no sítio do arrabalde (como assim é designado ainda no século XIX).

Finalmente, e como povoação medieval relevante, Cheleiros tinha castelo, de que resta apenas o topónimo, num morro a Noroeste da vila.

Inscrições e Informações

Complexo Cultural Quinta da Raposa – Mafra
Largo Coronel Brito Gorjão
2640-492 Mafra
Telef.: 261 819 711
e-mail: museu.sbranco@cm-mafra.pt

Junta da Freguesia de Cheleiros
Largo da Junta de Freguesia, 8
2640-170 Cheleiros
Telef.: 219 670 095
e-mail: jfcheleiros@sapo.pt

www.cm-mafra.pt



Rota do Património
Cheleiros.
Percurso Urbano





1. Capela do Espírito Santo

(Imóvel de Interesse Municipal, 28/82, DR 47, de 26-02-1982)
Muito danificada pelo terramoto de 1755, e em ruínas ao longo de praticamente todo o século XX, a capela foi restaurada em 1986, preservando o essencial da obra manuelina original. O principal motivo de interesse é o arco triunfal, ornamentado com elementos típicos da arte do reinado de D. Manuel e cuja pedra de fecho é decorada com um busto humano, com barba e coroa. Deverá representar a coroação do Espírito Santo, festividade de grande importância na região nesse final da Idade Média.



2. Largo da Praça e antigas casas da Câmara

(Imóvel de Interesse Público, 23 974, DG 131, de 06-06-1934)
Coração da vila velha, este largo concentrava o essencial dos edifícios administrativos e emblemáticos da antiga sede de município. Os Paços do Concelho dominavam o sector poente, virados à praça e constituídos por dois andares (cadeia e sala do concelho/tribunal). No centro do largo erguia-se o pelourinho, desmantelado no século XIX e desaparecido em data incerta. Nas proximidades existia ainda o açougue. Era também neste largo que se juntava à ribeira de Cheleiros o ribeiro Borgia, hoje encanado, mas que, até décadas recentes, às vezes levava tanta água que inundava todo o largo.



3. Albergaria do Espírito Santo

Edifício destinado a abrigar pobres, peregrinos e viajantes, é um dos testemunhos do estatuto de Cheleiros como local de passagem, onde se pernoitava e recuperava forças para a jornada seguinte. Da albergaria, fundada ainda na Idade Média, resta o seu portal principal, construído já no século XVII, de aspecto clássico e tutelado por uma imagem religiosa, originalmente inserida no pequeno nicho que o encima e infelizmente já desaparecida.



4. Ponte Nova

Não existem dados sobre a primitiva construção desta ponte. Os vestígios materiais mais antigos sugerem uma época pré-industrial, possivelmente na segunda metade do século XVIII ou inícios do seguinte, uma vez que as Memórias Paroquiais de 1758 não a referem. Seguramente com obras no final do século XIX, é uma ponte de dois arcos de volta perfeita, reforçada com três talhamares a montante, cuja monumentalidade contrasta com a singeleza da vizinha ponte medieval. O actual tabuleiro é o resultado de uma campanha de obras realizada em 1992.



5. Ponte Medieval

(Imóvel de Interesse Público, 28/82, DR 47, de 26-02-1982)
Construída nos séculos XIII-XIV, eventualmente substituindo ou reaproveitando uma antiga passagem de origem romana, esta ponte compõe-se de amplo arco de volta perfeita, sobre o qual se lançou um tabuleiro de cavalete de dupla rampa, como foi frequente na Idade Média. É possível que seja contemporânea da primitiva igreja matriz da localidade, mas foi objecto de muitas campanhas de consolidação, a última das quais nos anos 80 do século XX.



6. Cruzeiro Manuelino

Construído na primeira metade do século XVI, insere-se no programa arquitectónico e decorativo da vila realizado durante o governo da família Ataíde. Ergue-se num pequeno largo em declive acentuado, o que determinou a construção de uma plataforma desnivelada. A base é oitavada, como foi comum no período manuelino, e a cruz é amplamente decorada com motivos vegetalistas, sendo os braços ligados por círculo de pedra também trabalhado.



7. Chafariz

O chafariz oitocentista ilustra um dos mais recentes capítulos da história da vila, em que os seus habitantes tiveram por donatário a Casa do Infantado, para a qual a tutela da povoação transitou por falta de descendência dos Ataíde. Este chafariz foi construído em 1833, conforme revela a inscrição comemorativa da sua construção no espaldar, associada ao brasão real. Recebeu um primeiro restauro em 1895.



8. Igreja Matriz e Cruzeiro do Adro

(Imóvel de Interesse Público, 23 974, DG 131, de 06-06-1934). Já referida no reinado de D. Afonso II, a igreja foi objecto de múltiplas campanhas de obras, a mais antiga das quais na transição para o século XIV, época a que pertence o portal principal. A incorporação, nas suas paredes, de materiais romanos e paleocristãos sugere a existência de uma villa romana na zona.

A principal transformação ocorreu na época manuelina. Sob o impulso da família Ataíde, construiu-se uma nova capela-mor, de dois tramos cobertos por exuberante abóbada polinervada, a que se acede por arco triunfal onde se colocou a esfera armilar, emblema do rei D. Manuel. As armas dos Ataíde foram representadas num dos fechos da abóbada.

O cruzeiro do adro é manuelino e implantou-se inicialmente na estrada para o Carvalhal, sendo conhecido como Cruzeiro do Moinho da Cruz. Transferido para o adro da igreja matriz no século XX, tem a particularidade de possuir fuste torço, embora os restantes elementos sejam mais simples.